



GÊNERO E DEFICIÊNCIA: AS PERCEPÇÕES DOS/AS SURDOS/AS SOBRE SEU PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Edinalva Clementino de Carvalho¹
Jackeline Susann Souza da Silva²

RESUMO

Este artigo foi estruturado a partir de uma pesquisa de campo, tomando como base a pesquisa qualitativa. O objeto de estudo é a percepção de alunas e alunos surdos sobre seu processo educacional. Trazer a opinião dos/as surdos/as sobre a educação que recebem é relevante, porque permite a proximidade com as situações reais vivenciadas por eles e elas na escola regular. Nesta pesquisa, foram utilizadas como técnicas de coletas de dados a observação e a entrevista, com a finalidade de obter respostas para as seguintes perguntas: Quais as percepções dos/as surdos/as sobre seu processo de ensino e aprendizagem? Como homens e mulheres surdas se sentem nas aulas? Quais as barreiras que eles e elas encontram no processo educacional? Os dados foram relacionados à literatura na área de educação especial e gênero, (MANTOAN, PRIETO, 2006; HONORA, 2014; SKLIAR, 2013; SANTOS, PAULINO, 2008; BEYER, 2013; BOTELHO, 2005; GESSER, 2012; ROSA, SOUZA, 2002; QUADROS, 2004; DANTAS, SILVA e CARVALHO, 2014; KLEIN e FORMOSO, 2007), a fim de compreender o processo de ensino e aprendizagem dos/as surdos/as e as relações de gênero que são impeditivas ou favoráveis a sua inclusão educacional. Os dados indicam que mulheres e homens surdos têm um tratamento bastante diferenciado e sua participação no processo de ensino e aprendizagem não eram coerentes com os discursos estabelecidos pelos seus mediadores educacionais. Com este estudo, pretende-se contribuir para se repensar práticas pedagógicas e relações escolares, trazendo à tona um tema inexplorado que são as relações de gênero no processo educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Surd@s; Percepções; Ensino e Aprendizagem; Gênero;

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo analisar a percepção de alunos e alunas surdos sobre seu processo de ensino e aprendizagem. Neste contexto, esta pesquisa busca refletir sobre as necessidades, os sentimentos e as barreiras que mulheres e homens surdos enfrentam no seu processo de ensino e aprendizagem. As perguntas condutoras deste estudo foram as seguintes: Quais as percepções dos/as surdos/as sobre seu processo de ensino e

¹ Mestranda do PPGFP – UEPB, Especialista em Psicologia da Infância e Adolescência, FACISA - PB, Especialista em Ciências da Linguagem com ênfase em Português - UFPB, Especialista em Gênero e Diversidade na Escola – UFPB, Graduanda em Letras/Português – IFPB, graduada em Pedagogia, Universidade Vale do Acaraú - UVA, graduada em Letras/LIBRAS, UFPB, edinalva25@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidad de Salamanca (Espanha). Mestre na Linha de Pesquisa Estudos Culturais e Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal Paraíba (Brasil). jackeline-susann@hotmail.com



aprendizagem? Como homens e mulheres surdos se sentem incluídos ou excluídos nas aulas? Quais as barreiras que eles e elas encontram no seu processo de ensino e aprendizagem?

A relevância deste estudo está na adoção do lema “nada sobre nós sem nós” ratificado pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006) em que homens e mulheres com deficiência ganham visibilidade (SOARES, 2010) ao ser protagonistas de suas vidas e opinar sobre si nas pesquisas científicas. Aqui, o percurso de coleta de dados valoriza a percepção e o posicionamento dos alunos/as surdos/as no seu processo de aprendizagem. Esta pesquisa também apresenta uma problemática relevante e inovadora ao propor estudar as relações de gênero no contexto da educação de surdos. No Brasil, essa é uma problemática pouco explorada e por isso é preciso crescimento de pesquisa que se comprometam com este enfoque.

O interesse de investigar este tema veio a partir das observações realizadas no campo de pesquisa, nas quais percebi que mulheres e homens surdos tinham um tratamento bastante diferenciado de participação no processo de ensino e aprendizagem. A interação entre os alunos surdos e alunos ouvintes eram estabelecidas com mais produtividade, o mesmo não aconteciam com as mulheres surdas. Nos momentos e espaços observados elas demonstravam um isolamento negativo para seu processo de inclusão, ensino e aprendizagem.

O processo de inclusão é complexo porque envolve mais que o acesso de alunos/as com deficiência à matrícula na educação formal. A inclusão é um processo transformador, no qual todo o sistema educacional passa por uma adaptação, para que mulheres e homens com ou sem deficiência possam de fato desenvolver suas capacidades e habilidades ao decorrer de todo o processo de ensino e aprendizagem. Sobre este aspecto, Mittler (2003, P. 236) desta que:

A inclusão diz respeito a todos os alunos, e não somente a alguns. Ela envolve uma mudança de cultura e de organização da escola para assegurar acesso e participação para todos os alunos que a frequentem regularmente e para aqueles que agora estão em serviço segregado, mas que podem retornar à escola em algum momento no futuro. A inclusão não é a colocação de cada criança individual nas escolas, mas é criar um ambiente onde todos possam desfrutar o acesso e o sucesso no currículo e tornarem-se membros totais da comunidade escolar e local, sendo, desse modo, valorizados.

Apesar do grande avanço na literatura sobre educação de surdos e educação especial nos últimos anos, podemos perceber que ainda há muito que alcançar, quando se trata principalmente de analisar os processos de inclusão atrelados com outras marcas identitárias como o gênero, a raça e etnia, os problemas de classes, entre outros. Segundo as autoras Klein e Formozo (2007, p. 2):



No Brasil, a combinação dessas duas categorias de análise (gênero e surdez) é um assunto novo. Não há muitos estudos que unam a questão do gênero com a surdez. Tal questão está começando a ser discutida entre os surdos no Brasil, que tinha (e ainda têm) outros assuntos em sua pauta de reivindicações, como a divulgação da Libras – Língua Brasileira de Sinais, o acesso à informação (exigência de filmes brasileiros e de programas de TV com legendas ou com janelas de interpretação na língua de sinais), à educação, à saúde pública e ao mercado de trabalho.

Esta pesquisa tem abordagem qualitativa, pois interpreta fenômenos e atribui significado aos dados, por ser um processo subjetivo. Segundo Bogdon e Biklen (1994, p. 11) é uma pesquisa qualitativa quando a metodologia de investigação consiste em enfatizar “a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais”. As técnicas e instrumentos de pesquisas utilizados foram observação e entrevista com roteiro semiestruturado. As observações foram realizadas no âmbito da sala de aula. Os/as participantes da entrevista foram seis alunos/as surdos/as. Para esta etapa priorizamos um ambiente neutro, pólo da UAB Alagoa Grande, com o objetivo de incentivar a participação mais espontânea de todos e todas durante a entrevista. Os/as participantes desta pesquisa são três alunas surdas e 3 alunos surdos com faixa etária entre 9 a 30 anos das séries do 4º, 7º e 9º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública, localizada em um município do estado da Paraíba.

A partir dos dados coletados através das observações e dos resultados das entrevistas tivemos a oportunidade de ampliar nosso olhar para as percepções envolvendo as práticas educacionais e as relações de gênero no contexto pesquisado. Todos os dados coletados a partir das observações e entrevistas foi interpretado à luz dos referenciais teóricos adotados nesta pesquisa.

Em vista diminuir os índices educacionais negativos na educação de surdo (a), é preciso o investimento por parte da equipe escolar em práticas pedagógicas inclusivas, respeitando a necessidade de adaptação curricular. Assim, como qualquer outro/a alunos/a, os surdos e surdas necessitam receber uma educação apropriada e de qualidade para que sejam agentes ativos e empoderados/as no seu processo de aprendizagem.

METODOLOGIA

O presente trabalho tem como objeto de estudo as percepções de surdos/as sobre seu processo de ensino e aprendizagem, destacando a relação entre gênero e deficiência. Esta pesquisa é do tipo qualitativa e os/as participantes são três alunas surdas e 3 alunos surdos



com faixa etária entre 9 a 30 anos. Foram foco de observação no campo de pesquisa os/as surdos/os, 7 professoras, 2 professores, 3 intérpretes, de uma escola pública municipal localizada no estado da Paraíba.

Para a realização da pesquisa de campo foi solicitado a autorização por escrito de todos os/as participantes, destacando o objetivo da pesquisa e os procedimentos éticos adotados. Os nomes utilizados neste texto são todos fictícios para preservar a identidade dos/as participantes.

As observações foram realizadas em 3 dias, na sala de aula e espaço de recreação, 1 dia em cada série (4º ano, 7º ano e 8º ano). As entrevistas foram realizadas com 3 alunas surdas e 3 alunos surdos, tiveram duração de 2 horas com a participação de uma intérprete de LIBRAS e foram feitas a partir das seguintes questões norteadoras:

1. Como acontece a comunicação entre os alunos e alunas surdos e os ouvintes no contexto escolar?
2. Que barreiras enfrentam no ambiente escolar?
3. Como descreve o processo de ensino (metodologias e recursos materiais) utilizados pelos (as) educadores (as) da sala regular de ensino?
4. Como você (mulher surda, homem surdo) se sente incluídos ou excluídos nas aulas?
5. Que sugestões você apresentaria para a melhoria do seu processo de aprendizagem e interação?

A observação e entrevista são técnicas de coletas de dados imprescindíveis ao decorrer de toda pesquisa qualitativa, pois sistematizam e ampliam ainda mais a produção do conhecimento científico. Segundo Richardson (2007, p. 259) a observação representa:

[...] um instrumento básico da pesquisa científica. A observação torna-se uma técnica científica à medida que serve a um objetivo formulado da pesquisa, é sistematicamente registrada e ligada a proposições mais gerais e, em vez de ser apresentada como conjunto de curiosidades interessantes é submetida a verificações e controles da validade e precisão.

Além da observação a entrevista também é considerada um importante instrumento de coleta de dados. Ela é definida por Haguette (1997, p. 86) como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”.

Os dados empíricos foram fundamentados em autores/as que estudam o processo de inclusão educacional de surdos/as e também estudos que relacionam gênero e deficiência (MANTOAN, PRIETO, 2006; HONORA, 2014; SKLIAR, 2013; SANTOS, PAULINO, 2008; BEYER, 2013; BOTELHO, 2005; GESSER, 2012; ROSA, SOUZA, 2002;



QUADROS, 2004; DANTAS, SILVA e CARVALHO, 2014; KLEIN e FORMOSO, 2007). Com as leituras e análises foi construído um caminho reflexivo acerca do processo de inclusão e prática pedagógica na educação das pessoas surdas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Surdos e surdas como qualquer outro indivíduo possuem cultura e identidade e sua educação deve ser pautada nestas dimensões. Infelizmente ainda existem muitos contextos educacionais que não contemplam tais elementos e isto prejudica o desempenho e desenvolvimento integral dos/as estudantes surdos/as. Na escola, é preciso o respeito e a valorização dos direitos das crianças, jovens e adultos/as surdos/as para que eles e elas sintam-se parte deste ambiente.

Mulheres e homens surdos enfrentam inúmeras barreiras, não só no seu contexto social, mas também no seu contexto educacional, o qual é cercado de elementos predominantes de uma cultura e identidade de pessoas ouvintes, que prevalecem e são impostas para surdos e surdas. Segundo Klein e Formozo (2007) em seu artigo intitulado *Gênero e surdez* a escola atualmente é muito mais o local de convivência e de lutas surdas e muito menos o local de aprender. As autoras destacam bem a liderança que as mulheres surdas estão assumindo nos movimentos e reconhecem que isto ocorre por ser maioria no contexto educacional. Com base nesta afirmativa, podemos reconhecer a importância deste contexto para o desenvolvimento das potencialidades e principalmente do empoderamento das mulheres e homens surdos, para que os mesmos possam de fato exercer sua cidadania de forma plena. Refletindo sobre a importância e o conceito de empoderamento as autoras Dantas, Silva e Carvalho (2014, p. 3), no seu artigo intitulado *Entrelace entre gênero, sexualidade e deficiência: uma história feminina de rupturas e empoderamento* destacam que:

O empoderamento constitui um processo tanto coletivo quanto individual, no desenvolvimento de potencialidades, visando tornar a pessoa capaz de direcionar a sua vida de acordo com seus desejos. O conceito de empoderamento introduz uma importante compreensão para a promoção da democracia e atenuação da vulnerabilidade de mulheres/homens com deficiência, pois oportuniza o fortalecimento delas enquanto seres humanos que conhecem o valor que tem. Deste modo a pessoa com deficiência empoderada se vê como um sujeito capaz de fazer escolhas na sua vida e responsabilizar-se por suas decisões.

A partir desta visão é essencial repensarmos nos alunos surdos e surdas como estudantes que necessitam desenvolver o seu empoderamento, a partir da expressão da sua



opinião e posicionamentos. Os/as surdos/as devem ser vistos como sujeitos diferentes, não como deficiente, pois esta definição ao longo dos anos tem construído barreiras que os impossibilitam de serem reconhecidos como indivíduos possuidores de cultura, língua e identidade própria. Quadros (2004, p. 10) deixa evidente esta afirmativa quadro ressalta que o sujeito surdo é como alguém,

[...] que apreende o mundo por meio de experiência visual e tem direito e possibilidade de apropriar-se da Língua Brasileira De Sinais e da Língua Portuguesa, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento e garantir o trânsito em diferentes contextos sociais e culturais. [...] As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes.

Diante desta persistência em busca do reconhecimento de ser diferente e não deficiente, as mulheres surdas travam uma batalha bastante árdua quando é identificado nas mesmas uma dupla discriminação no contexto social, ser mulher e deficiente. Mello e Nuernberg (2012, p.3) reconhecem na literatura feminista o argumento da “dupla desvantagem” com que vivem as mulheres com deficiência em relação a participação social. No contexto escolar não é diferente, mulheres surdas tem sua identidade não reconhecida e se tornam em muitos momentos alvo de exclusão, dificultando ainda mais a interação no grupo e entre seus/as mediadores/as educacionais.

Silva (2000, p. 82) reconhece que a identidade tem a ver com incluir no grupo:

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora.

É necessário reconhecer as várias identidades existentes no contexto escolar e a sua valorização só tem a acrescentar na educação dos indivíduos, pois eles aprendem a viver na diversidade e diferenças humanas. Nesta perspectiva, Skliar e Moreira (2011, p. 98), ressaltam que a construção de sujeitos “generificados” ocorre de forma relacional e tanto o feminino quanto o masculino se constroem um em relação ao outro. Essa relação cria um processo de diferenciação, mas não significam que sejam opostos. A partir desta constatação é importante destacar que a parceria entre mulheres e homens surdos/as e ouvintes ao decorrer de todo o processo educacional acrescentará ainda mais na construção do respeito às diferenças, seja ela de gênero, cultural ou social, pois a diferença não inferioriza e sim contribui ainda mais para o nosso crescimento pessoal, social e educacional.



O respeito à diferença de cada pessoa na escola e fora dela é um dos princípios de uma educação de fato inclusiva. A respeito disto, Santos e Paulino (2008, p. 105) afirmam que:

A Educação Inclusiva não é aquela que aceita as diferenças, mas faz da diferença uma maneira distinta de expressão e de operacionalização do mundo. Não basta reconhecer e aceitar a diferença. Há que se transformar a ação e a experiência variadas em algo que amplie a nossa visão de mundo no sentido de uma atitude cidadã em respeito às diferenças. Negar a diferença é submeter-se a padrões preestabelecidos, o que acarreta a perda da identidade. A perda da identidade, por sua vez, amputa-nos a condição de ser sujeito, nos colocando na de sujeito. É contra isso que temos que lutar nos espaços com os quais nos relacionamos.

Nesta perspectiva acreditamos que é essencial desconstruirmos as relações de poder entre gêneros, mulher surda e homem surdo e principalmente entre culturas e identidades surdas e ouvintes, pois ambas se completam e enriquecem nosso contexto social e educacional.

Neste contexto amplo de percepções sobre o ensino e aprendizagem torna-se essencial destacarmos sua definição, a qual norteia todo o trabalho apresentado. Com base nesta temática, de acordo com FREIRE (1996, p. 21 e 26) destaca que: Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo. O referido autor considera ainda que “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Com isso, podemos perceber que a verdadeira aprendizagem é aquela que transforma o sujeito, ou seja, os saberes ensinados são reconstruídos pelos educadores e educandos para, a partir desta reconstrução tornar-se autônomos, emancipados, questionadores, enfim empoderados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram organizados em dois momentos principais: (1) as cenas observadas pela pesquisadora no campo de investigação e (2) os dados coletados na entrevista com os surdos e surdas, participantes da pesquisa.



1º FASE: CENAS DA OBSERVAÇÃO

Abaixo apresento um quadro com os três dias de observação, destacando o lugar observado, o objetivo da observação e o que mais chamou atenção no dia da observação.

QUADRO DE REGISTRO DAS OBSERVAÇÕES			
Primeiro dia	Lugar observado	Objetivo da observação	O que chamou atenção (relação gênero e surdez)?
(10/08/2015) Segunda-feira. Período manhã das 7:00 às 11:00 2 aulas de Geografia: Pesquisa em grupo Aula de Ciências: trabalho em grupo 1 aula de Inglês	Sala de aula e ambiente de recreação (quadra da escola)	Identificar como ocorre a interação entre mulheres e homens surdos/ouvintes e professores (as) no contexto da sala de aula e espaço recreativo	<ul style="list-style-type: none">As alunas surdas interagiam menos com os/as ouvintes e professores/as do que os alunos surdos. Por exemplo: na formação de grupos na sala de aula ficou bastante visível à exclusão das alunas surdas, enquanto que os alunos surdos estavam mais integrados. A formação de grupos foi feita livremente, todos formaram seus grupos e as alunas surdas tentavam se encaixar em algum grupo e eram excluídas.Na sala de aula a intérprete era a pessoa que mais interagiu com os/as alunos surdos/as. Poucas foram às vezes que os/as alunos/as surdos/as foram solicitados/as pelas professoras das disciplinas Geografia, ciências e Inglês. Nas aulas das disciplinas citadas todos (as) os(as) alunos(as) ouvintes eram ouvidos naturalmente, na vez correspondentes aos surdos e surdas a professora facultava a sua apresentação, participação. Neste momento a intérprete fez sua intervenção, relatando a importância da participação dos (as) alunos (as) surdos (as).
Segundo dia	Lugar observado:	Objetivo da observação	O que chamou atenção (relação gênero e surdez)?
(11/08/2015) Terça-feira, período manhã das 7:00 as 11:00 2 Aulas de Geografia: Conclusão e apresentação dos trabalhos em grupo. 2 Aulas de Matemática: Atividades individuais explorando sólidos geométricos. Aula de arte: construção dos sólidos geométricos.	Sala de aula	Reconhecer como acontece a participação das mulheres e homens surdos ao decorrer do seu processo de ensino e aprendizagem.	<ul style="list-style-type: none">As atitudes em grupos dos componentes ouvintes excluindo a participação das alunas surdas.A aceitação e maior interação dos alunos surdos e ouvintes ao decorrer das atividades propostas pelos educadores em grupo.As inibições e restrições por parte dos educadores nas apresentações dos trabalhos das alunas e alunos surdos.As expressões faciais de rejeição e insatisfação por parte das alunas surdas em relação a muitas atitudes e atividades da maioria dos educadores.As opiniões dadas pelas alunas ao decorrer das atividades propostas em grupo e individual para melhoria e entendimento do trabalho. Foram desenvolvidas apresentações de trabalhos na qual as professoras solicitavam que os alunos fizessem suas apresentações à frente



Terceiro dia	Lugar observado	Objetivo da observação	O que chamou atenção (relação gênero e surdez)?
(12/08/2015) Quarta-feira, período manhã das 7:00 as 11:00 Aula de Português: Pesquisa, ilustração e apresentação oral e escrita de poesias. 2 aulas de História: seminário em grupo, tema: O comércio árabe e a cultura islâmica 2 aulas de Ciências: Doenças sexualmente transmissíveis Aula de matemática: Atividades escrita sobre sólidos geométricos. E problemas envolvendo as quatro operações.	Sala de aula	Caracterizar os métodos e recursos materiais utilizados nas aulas que favorecem a participação e aprendizagem dos (as) alunos (as) surdos (as).	<p>da sala. Observei que alunos e alunas surdas não eram chamados à frente, iam apenas depois da insistência constante da intérprete. Nas atividades em grupo os (as) alunos (as) surdos (as) não tinham a intervenção da professora, ficando somente a responsabilidade do intérprete. Nestes momentos as alunas surdas sempre se expressavam com indignação, solicitando a orientação da educadora, já os alunos surdos não davam opinião.</p> <ul style="list-style-type: none">• As percepções das mulheres surdas sobre os métodos e recursos materiais utilizados pelos educadores ao decorrer do processo de ensino e aprendizagem. As mesmas identificam e sugerem melhorias, mostrando os recursos que se adequam para sua aprendizagem.• A aceitação e pouca participação dos homens surdos sugerindo para a melhoria dos recursos e das aulas.• Melhor desempenho das mulheres surdas ao expor os trabalhos em sala de aula e maior exploração dos recursos visuais.• A inibição e exclusão dos homens surdos ao exporem suas opiniões e trabalhos no contexto de sala de aula e demais ambientes. <p>Nos trabalhos que envolviam apresentação as alunas surdas tinham participação ativa e demonstravam mais desenvoltura, já os alunos não gostavam de participar e quando participavam resumiam bastante. A maioria dos educadores não demonstravam nenhum incentivo para que os mesmos participassem de forma mais ativa. Percebi que apenas a professora de história apresentava maior interesse na percepção do desenvolvimento das mulheres e homens surdos no contexto escolar. Nas aulas de matemática os alunos demonstravam mais habilidade e as alunas apresentavam dificuldades de abstração principalmente com atividades que envolviam as 4 operações, Necessitando sempre a utilização de material concreto.</p>

2º FASE: EXPRESSÃO DOS/AS PARTICIPANTES: A ENTREVISTA COMO TÉCNICA IMPORTANTE PARA COMPREENDER O PROCESSO DE INCLUSÃO DE SURDOS E SURDAS NA ESCOLA REGULAR

No primeiro momento voltei à minha atenção para as mulheres surdas realizando perguntas que possibilitassem ter uma visão geral diante de suas percepções e depois as mesmas perguntas foram feitas para os alunos surdos. Assim, foi possível comparar as



respostas, as possíveis divergências, contradições ou semelhanças sobre seu processo de aprendizagem.

a. INTERAÇÃO E COMUNICAÇÃO COM A COMUNIDADE ESCOLAR

Os/as alunos/as surdos/as foram indagados acerca de como eles se sentem na interação com a comunidade escolar (interação entre si, ouvintes e professores/as). A falta de conhecimento da LIBRAS pela comunidade escolar foi um desafio dos seis estudantes, que se sentem prejudicados por não serem compreendidos pelos seus colegas e professores.

Uma aluna deu destaque a sua interação com a professora da turma:

Minha comunicação com os ouvintes só acontece com a participação e intervenção da intérprete de LIBRAS, se não fossem as intérpretes os educadores não saberiam descrever nossas potencialidades, aprendizagens, dificuldades ao decorrer do processo e nem poderíamos fortalecer ainda mais os laços de amizade com os colegas ouvintes. Sinto vergonha dos meus professores e professoras não entenderem um simples pedido como: Posso tomar água? Posso ir ao banheiro? E fico mais indignada quando o educador diz ao intérprete que eu não preciso lhe pedir esta autorização, é só se dirigir ao intérprete. Em muitos momentos me sinto invisível na sala de aula, me sinto uma aluna invadindo um espaço que não me pertence (Emanuele, entrevista 17/08/2015).

Minha interação acontece com a ajuda da intérprete de LIBRAS porque os educadores de surdos aqui na escola não sabem nada, não entende a nossa língua. (Júlia, entrevista, 17/08/2015).

A comunicação com os educadores, alunos ouvintes acontece pouco e quando acontece, nós surdos, temos a ajuda das intérpretes de LIBRAS, nenhum amigo ouvinte e educador conversa diretamente com os surdos, eles não sabem a nossa língua (Jade, entrevista, 17/08/2015).

Assim, como as alunas surdas os alunos surdos relataram que a interação com a comunidade é afetada pela falta de conhecimento da LIBRAS por parte dos/as colegas e professores/as:

A comunicação é pouca e só conseguimos nos comunicar porque temos a ajuda da intérprete de LIBRAS, muitas vezes tentei se comunicar com eles fazendo cada sinal devagar para que pudessem entender, mas eles não sabem LIBRAS, é muito difícil, complicado a comunicação. (André, entrevista, 17/08/2015).

comunicação com eles impossível, aqui na escola a comunicação acontece somente com a intérprete, professor e amigos e amigas ouvintes difícil conversar, precisamos sempre do intérprete para tudo sempre. (Carlos, entrevista, 17/08/2015).

A comunicação não tem, mas às vezes a intérprete conversa com eles e depois me fala tudo, era bom se eles soubessem a nossa língua, nós poderíamos conversar muito. (Jean, entrevista, 17/08/2015).

Diante dos relatos das mulheres e homens surdos relacionadas à função do Intérprete de LIBRAS é essencial destacarmos para fins de comprovação a Lei nº 12.319, que regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, onde em seu artigo 6º destaca atribuições do tradutor e intérprete:



[...] Art 6º são atribuições do tradutor e intérprete, no exercício de suas competências:

I – efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;

II – interpretar, em Língua Brasileira de Sinais – Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares; [...] (BRASIL, 2010, art. 6º).

Os seis estudantes apontaram sofrer barreiras na comunicação na interação com comunidade escolar. O Decreto 5296 de dois de dezembro de 2004 define em seu artigo 8º barreiras comunicacionais e informacionais como sendo: “qualquer entrave ou obstáculo que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens por intermédio dos dispositivos, meios ou sistemas de comunicação, sejam ou não de massa, bem como aqueles que dificultem ou impossibilitem o acesso à informação” (BRASIL, 2004, art. 8º).

Merece destaque depoimento de Emanuele, quando ela diz “sentir vergonha” por não ser compreendida ao pedir para “tomar água” ou “ir ao banheiro”. Ela relata ainda que sente-se “invisível na sala de aula” como se estivesse em “um espaço que não pertence”. O recolhimento de Emanuele declarado através da ‘vergonha’, da ‘invisibilidade’ e do ‘não fazer parte’ é ocasionado tanto pela barreira de comunicação como também pela opressão advinda do silenciamento e da segregação feminina.

Nesta perspectiva ao analisar o discurso bíblico CESARO e SCHONS (2009, p. 8) faz uma indagação e ressalta: O que levaria ao abandono desse sentido de igualdade e não efeitos de sentido de segregação e silenciamento? A chave do silenciamento feminino pode ser explicada pelo significado atribuído ao signo “submissão”, uma vez que adquire um novo sentido de subserviência.

A partir do relato das autoras podemos perceber que até hoje o reflexo da segregação e do silenciamento continua visivelmente inserido em muitos contextos no qual a mulher está inserida, tornando-a possuidora de uma imagem que não condiz com seu verdadeiro papel na sociedade atual.

Contrário ao recolhimento que sofre Emanuele, André apesar de enfrentar a barreira na comunicação relatou “tentar” se comunicar com a comunidade escolar “fazendo o sinal devagar”. Jean lamenta que a LIBRAS não seja de conhecimento de todos porque isso limita as relações de amizade na escola. Neste contexto FILHO (2003, p.16) afirma que:

[...] repensar a masculinidade deve levar em conta as maneiras de dominação e de controle do masculino, que não são menores do que as que se exercem sobre o feminino. Os homens têm mais possibilidade de ação, mais liberdade de escolha do que as mulheres é verdade, mas esta liberdade se exerce sob rígidos parâmetros.



Então, de acordo com o autor, podemos perceber que os homens surdos por terem mais possibilidades de ação tem uma atitude de mais interação, mesmo com todas as barreiras presentes no seu contexto educacional, possibilitando assim, mudar e transformar uma realidade que seu meio lhe impõe.

b. PRINCIPAIS BARREIRAS QUE OS/AS SURDOS RELATARAM EXPERIENCIAR NA ESCOLA

Como tratado no primeiro tópico, a comunicação é uma das maiores barreiras relatadas tanto pelos alunos como pelas alunas surdas ao interagirem com a comunidade escolar. Neste tópico, foi explorado na entrevista quais barreiras afetam o processo de aprendizagem. As respostas das alunas surdas foram as seguintes:

Muitas barreiras, o preconceito, ninguém tem interesse de aprender LIBRAS, por isso as aulas são difíceis entender (Emanuele, entrevista, 17/08/2015).

A mulher surda “2” respondeu: “Barreiras tem muitas, preconceito, as pessoas não sabem LIBRAS, a mulher surda sofre mais porque os homens na sociedade percebem as mulheres perfeitas, sem problemas, sem deficiência, por isso, é mais difícil para as mulheres surdas, as aulas são ruins, entendo pouco, professora fala muito”.

Aqui na escola, nós surdos, não conseguimos conversar diretamente com os amigos e professores, tem amigos que diz que somos burros e doidos. Tem muito preconceito, comunicação pouca, as aulas precisam mais materiais visuais, entendo pouco, as aulas não são boas (JADE, entrevista, 17/08/2015).

Ainda sobre as barreiras no processo de ensino e aprendizagem, os alunos surdos destacaram que:

Aqui falta muita coisa, os professores e professoras não sabem LIBRAS, tem preconceito, amigos acha que somos deficientes e burros, as brincadeiras chatas não gosto, precisamos aprender mais, as aulas são difíceis para entender. (André, 17/08/2015).

Os professores não sabem LIBRAS, as aulas precisam melhorar, usar mais materiais visuais, amigos têm preconceito não gostam de aprender a nossa língua, LIBRAS (Carlos, 17/08/2015).

As barreiras têm muitas, tem preconceito, as professoras falam muito, ninguém sabe LIBRAS, os surdos aprendem pouco, surdos precisam aprender mais e melhor (Jean, 17/08/2015).

Analisando as respostas dos homens e mulheres surdas podemos perceber com rigor de detalhes as barreiras que lhes são impostas na escola, as quais traz com maior



destaque a comunicação, a qual limita a sua interação neste contexto e principalmente as oportunidades de aprender ainda mais com todos os seus mediadores educacionais.

c. APONTAMENTOS SOBRE A INCLUSÃO DE SURDOS E SURDAS NA ESCOLA REGULAR

Neste tópico foi explorado o sentido da ‘inclusão’ no contexto da educação básica regular.

Não posso dizer que me sinto incluída nas aulas porque não consigo aprender como todos aprendem, tenho uma língua, a LIBRAS, mas quem usa ela é somente eu e minha intérprete, nunca consigo conversar diretamente com meus professores. Aqui na escola a deficiência na mulher é mais percebida do que no homem, tem preconceito com a mulher, me sinto triste, queria que fosse diferente. Homens percebem as mulheres perfeitas, sem problemas, sem deficiência, por isso, é mais difícil para as mulheres surdas. (Emanuele, 17/08/2015).

Às vezes sim, somente por causa da minha intérprete, mas ainda falta muita coisa para que eu possa dizer que me sinto incluída nas aulas, porque meus professores e amigos não sabem se comunicar comigo, não consigo participar ativamente das aulas. Muita coisa precisa mudar (Julia, 17/08/2015).

Não, porque nas aulas os professores falam muito e não usam materiais, cartazes, vídeos, não usam nada somente livros. Preciso aprender ler e escrever, é importante pra mim (Jade, 17/08/2015).

A partir dos relatos das mulheres surdas Emanuele, Julia e Jade fica bastante evidente que a inclusão ainda é um caminho longo a ser percorrido e principalmente a ser estruturado coerentemente no processo educacional de homens e mulheres surdas, as necessidades de ambos precisam ser percebidas e os problemas sanados pelos seus educadores e educadoras ao decorrer de todo o processo de inclusão.

Não me sinto incluído nas aulas, ainda não entendo porque a maioria dos educadores e educadoras não demonstram interesse em aprender a LIBRAS, aprendendo nossa língua saberiam desenvolver aulas mais dinâmicas, atrativas, não aguentamos aulas cansativas que se resumem em copiar, “ler”, responder em Português escrito e copiar sempre. Os surdos precisam se expressar mais através da LIBRAS, nossa Língua. Aqui na escola somos expostos ao mesmo processo educacional dos ouvintes, a única coisa que diferencia é a presença de um intérprete (André, 17/08/2015).

Não. Aqui as aulas são para os alunos e alunas ouvintes, é difícil aprender, é muito Português, ainda não aprendi a ler e escrever. Os intérpretes ajudam muito, mas não depende somente do intérprete (Carlos, 17/08/2015).

Não, mas o intérprete ajuda muito. Precisamos aprender mais para se sentir incluído, aqui tudo precisa saber o português. (Jean, 17/08/2015).



Ao analisar as respostas dadas pelos homens surdos André, Carlos e Jean observamos que apresentam percepções semelhantes às alunas surdas, relatam seus pontos de vista e com base em todo o ensino oferecido, destacam pontos importantes que julgam ser essenciais serem transformados para que possam de fato se sentirem incluídos e pertencentes a um processo de ensino e aprendizagem mais coerente, eficaz, que valorize os saberes individuais e principalmente as culturas e línguas envolvidas no mesmo.

Apesar de terem uma maior aceitação e interação no ambiente escolar, os homens surdos ainda se sentem pouco incluídos no processo, quando se trata do ensino e de seu desenvolvimento educacional.

d. CONSIDERAÇÕES E SUGESTÕES DOS/AS SURDOS/AS PARA MELHORIA E MUDANÇA NA ESCOLA

O ensino e aprendizagem não é muito bom, precisa mudar, os surdos e surdas aprendem pouco, mas acho que é por causa das aulas, usar materiais visuais é melhor ajuda bastante, nós conseguimos aprender mais, os professores e professoras precisam conhecer como nós aprendemos. Todos, professores e professoras sabem que existem leis, muitas pesquisas e livros que poderiam ajudar os educadores de surdos a organizarem melhor suas aulas e que a própria escola já ofereceu um curso básico para que pudessem conhecer a LIBRAS, mas infelizmente poucos demonstraram interesse e os que se interessaram apresentaram muitas dificuldades para se capacitarem. Os surdos precisam aprender e os professores precisam saber como ensinar e como nós aprendemos. (Emanuele, 17/08/2015).

Aqui o ensino e aprendizagem é melhor para os ouvintes, nós surdos temos uma língua e também temos cultura que ajuda muito se o professor conhecer e usar nas aulas, mas não usa nada, então o ensino não é bom e nós não aprendemos muito, temos dificuldades porque as aulas não são boas, copiamos muito. Usar materiais nas aulas é melhor, a gente ver, gosta e aprende mais. Têm muitos materiais bons, livros de histórias, jogos com LIBRAS, tem data show na escola, muitos materiais visuais, mas os professores e professoras não usam. Tem vídeos em LIBRAS, tem muita coisa, precisa usar. (Julia, 17/08/2015).

Os(as) surdos(as) precisam aprender mais, as aulas são cansativas, uma aula diferente ajuda mais, os surdos aprendem mais se todos conhecerem a LIBRAS. O diretor comprou muitos materiais bons que tem LIBRAS, mas os professores não usam, tem dominó, jogo da memória, tem livros, tem vídeos, bingos, tem muita coisa pra aula melhorar. Quem usa esses materiais é somente a professora do AEE, é bom, a gente aprende mais (Jade, 17/08/2015).

Percebe-se a partir das respostas de todos e todas, homens e mulheres surdas, que precisamos refletir constantemente sobre a educação desta clientela e sobre a formação e atuação dos mediadores envolvidos neste processo, pois seus relatos deixam claro esta necessidade.

O ensino e aprendizagem precisam melhorar, os surdos aqui na escola não conseguem desenvolver a aprendizagem, não consegue fazer as atividades sozinhos,



precisam sempre da ajuda do intérprete. Os professores daqui já deveriam saber como ensinar aos surdos porque as intérpretes explicam sempre em reuniões, mas ninguém muda a aula. Tem muitos materiais na internet, livros em LIBRAS, jogos, atividades em LIBRAS, cartazes. O professor precisa pesquisar, ler, saber mais. (André, 17/08/2015).

Os surdos e surdas aprendem pouco, precisamos aprender a ler e escrever, as aulas entendo somente por causa da ajuda da intérprete, os professores falam muito, escrevem muito. Aqui na escola tem sala de AEE, lá tem muitos materiais bons, os professores precisam pegar e usar, não gosto de copiar, copiar muito. Seria bom usar mais materiais, ajuda a gente aprender mais. (Carlos, 17/08/2015).

O ensino precisa mudar a aprendizagem também. Os surdos aprendem, mas acho que os alunos ouvintes aprendem mais. É importante usar vários materiais porque a aula melhora, precisamos sair um pouco da sala, aprender também lá fora. Eu preciso aprender muita coisa, preciso sair sozinho. (Jean, 17/08/2015).

De acordo com as respostas apresentadas pelas alunas e alunos surdos no que diz respeito às aulas desenvolvidas, é gritante a necessidade de mudanças, de conhecimento por parte dos professores e professoras da prática mais adequada a serem utilizadas na educação dos(as) surdos (as). DAMÁZIO (2007, p. 21) deixa claro esta afirmativa quando ressalta que:

As práticas pedagógicas constituem o maior problema na escolarização das pessoas com surdez. Torna-se urgente, repensar essas práticas para que os alunos com surdez, não acreditem que suas dificuldades para o domínio da leitura e da escrita são advindas dos limites que a surdez lhes impõe, mas principalmente pelas metodologias adotadas para ensiná-las.

As percepções dos alunos e alunas surdas foram bastante significativas, relataram que as aulas poderiam ser mais visuais e dinâmicas. Eles e elas reconheceram que muitos problemas poderiam ser evitados se os educadores conhecessem a LIBRAS para poder interagir e se comunicar com este grupo. Eles e elas deixaram bastante claro que são expostos ao mesmo processo educacional dos ouvintes e a única coisa que diferencia é a presença de um intérprete. Skliar (1998, p. 37) destaca bem esta realidade quando enfatiza que:

Um dos problemas, na minha opinião, é a confusão que se faz entre democracia e tratamento igualitário. “Quando um surdo é tratado da mesma maneira que um ouvinte, ele fica em desvantagem”. A democracia implicaria, então, no respeito às peculiaridades de cada aluno – seu ritmo de aprendizagem e necessidades particulares.

Percebe-se que SKLIAR nos propôs a refletirmos amplamente sobre o contexto educacional de mulheres e homens surdos, nós educadores (as) precisamos compreender o processo de aprendizagem desta clientela para poder oferecer um ensino cada vez mais eficiente, conhecer suas capacidades e habilidades para ampliá-las ainda mais ao decorrer de todo o processo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todos os relatos, é essencial ressaltarmos que o contexto educacional d@s surd@s necessita ser constituído e respaldado a partir de duas línguas que nortearão todo o processo de ensino e aprendizagem desta clientela. Nesta perspectiva torna-se primordial que educadores e educadoras de Surd@s reflitam constantemente sobre sua formação e atuação, priorizando oferecer a surdos e surdas um processo educacional constituído de metodologias e recursos cada vez mais adequados para favorecerem o desenvolvimento global destes educando. QUADROS e SCHMIEDT destacam bem esta realidade quando abordam que:

O contexto bilíngue da criança surda configura-se diante da coexistência da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa. No cenário nacional, não basta simplesmente decidir se uma ou outra língua passará a fazer ou não parte de programa escolar, mas sim tornar possível a co-existência dessas línguas. Reconhecendo-as de fato, atentando-se para as diferentes funções que apresentam no dia-a-dia da pessoa surda que se está formando. (QUADROS e SCHMIEDT, 2006, p. 13).

Foi imprescindível a realização da entrevista, pois pude perceber ao decorrer de todas as perguntas e questionamentos as percepções que surd@s tem sobre seu processo educacional, suas expressões faciais e corporais deixam claro a sua insatisfação e desejos de melhoras, pois os mesmos não se sentem incluídos no processo, principalmente as mulheres surdas e enfrentam barreiras que impedem o desenvolvimento do ensino e de sua aprendizagem. Barreiras estas que destacaram como sendo o preconceito, percebê-los como deficientes e não como surdos, pessoas que possuem identidades, cultura e língua própria, a falta de empoderamento, a falta de conhecimento por parte dos educadores e amigos sobre sua língua, a LIBRAS, sua cultura, identidade e sua forma de aprender.

Os relatos d@s alun@s surd@s retratam bem o contexto educacional de muitos surd@s e traz implícito a necessidade de reestruturação deste contexto de modo a viabilizar um ensino priorizando um contexto bilíngue, só assim estes educandos poderão contar com uma educação cada vez mais coerente às suas necessidades.

As mulheres surdas do contexto do campo de pesquisa tem a consciência de que somente a utilização da LIBRAS por parte do intérprete não é o suficiente para garantir a aprendizagem d@s surd@s. Neste contexto Damázio, ressalta que:

Mais que a utilização de uma língua, os alunos com surdez precisam de ambientes educacionais estimuladores, que desafiam o pensamento, explorem suas capacidades, em todos os sentidos. Se somente o uso de uma língua bastasse para aprender, as pessoas ouvintes não teriam problemas de



aproveitamento escolar, já que entram na escola com uma língua oral desenvolvida. (DAMÁZIO, 2007, p. 14).

A cada ação desenvolvida neste trabalho, objetivei ampliar ainda mais a minha visão diante das percepções aqui apresentadas, para poder refletir amplamente e contribuir positivamente, pois com esta pesquisa ficou comprovado que não é suficiente conhecer, pertencer, fazer parte, mas principalmente, se capacitar, agir, praticar a ação, se mobilizar, identificar e/ou construir caminhos que nos permitam comprometer-se em busca de parcerias para desenvolver ainda mais a aprendizagem das mulheres e homens surdos (as) ao decorrer de todo o seu processo educacional. A escola precisa educar para a cidadania e não para a submissão.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, Paula. *Linguagem e letramento na educação dos surdos – Ideologia e práticas pedagógicas*. Edição 1, 2 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRASIL. *Decreto n° 5296/2004*. Regulamenta as Leis n^{os} 10.048/00, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098/00, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

BRASIL. *Lei n° 12319/2010*. Regulamenta a profissão de Tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm Acesso em: 20 de outubro de 2020.

CARNEIRO, Moacir Alves. *O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns da rede regular: Possibilidades e Limitações*. Brasília; Instituto Interdisciplinar de Brasília, 2005.

CARVALHO, Rosita Edler. *Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico*. 5ª edição, Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

CESARO, Liliane de. SCHONS, Carme Regina. *Segregação e silenciamento em discursos sobre a mulher*. 2009. <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao14/artic04ed14.pdf>, Acesso em: 19 de outubro de 2020.

DANTAS, Taísa Calda; SILVA, Jackeline Susann Souza; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. *Entrelace entre gênero, sexualidade e deficiência: uma história feminina de rupturas e empoderamentos*. UFPB; 2014. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382014000400007&script=sci_arttext, Acesso em: 21 de agosto de 2020.



DÁMAZIO, Mielene Ferreira Macedo. *Atendimento Educacional Especializado: pessoa com surdez*. Brasília/DF: SEESP/ SEED/ MEC, 2007.

DRAGO, Rogério. *Inclusão na Educação Infantil*. Rio de Janeiro; editora Wak, 2011.

FILHO, Amilcar Torrão. *Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam*. IFCH-UNICAMP, Campinas-SP; 2003. <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a07>, Acesso em: 19 de outubro de 2020.

GESSER, Audrei. *O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender LIBRAS*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

KLEIN, Madalena; FORMOZO, Daniele de Paula. *Gênero e Surdez*. UFPE: 2007.

LODI, Ana Claudia Balieiro, HARRISSON, Marie Pacheco, CAMPOS, Sandra Regina Leite de. *Letramento e Minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli. *Inclusão escolar: pontos e contrapontos*. São Paulo; Summus, 2006.

MELLO, Anahi Guedes de; NUERNBERG, Adriano Henrique. *Gênero e deficiência: interseções e perspectivas*. UFSC; 2012. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2012000300003&script=sci_arttext, Acesso em: 02 de julho de 2020.

MITTLER, P. *Educação Inclusiva: contextos sociais*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

QUADROS, Ronice Muller de; SCHMIEDT, Magali L. P. *Ideias para ensinar Português para surdos*. Brasília; MEC, SEEP, 2006.

SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2013.